

Plantas da negritude: conhecimento etnobotânico afro-brasileiro nagô de plantas diaspóricas e africanizadas

Plants of negritude: Nagô Afro-Brazilian ethnobotanical knowledge of diasporic and Africanized plants

*Plantas de la negritud: conocimiento etnobotánico afrobrasileño
Nagô sobre plantas diaspóricas y africanizadas*

DOI: <https://doi.org/10.70051/mangt.v5i2.65820>

Renata Sirimarco | renata_sirimarco@id.uff.br
<https://orcid.org/0000-0002-0976-7844>

Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, RJ, Brasil.

Odara Boscolo | odaraboscolo@id.uff.br
<https://orcid.org/0000-0002-5791-815X>

Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, RJ, Brasil.

Recebimento do artigo: 22-outubro-2024

Aceite: 20-setembro-2025

SIRIMARCO, R., BOSCOLO, O. Plantas da negritude: conhecimento etnobotânico afro-brasileiro nagô de plantas diaspóricas e africanizadas. **Revista Mangút: Conexões Gastronômicas**. ISSN 2763-9029. Rio de Janeiro, v. 5, n.2, p. 27-40, out. 2025.

RESUMO

Diferentes etnias com suas particularidades se atualizam, constroem e constituem suas distintas identidades. O pouco reconhecimento das contribuições africanas e seus saberes etnobotânicos demonstra a necessidade de fornecer uma outra perspectiva histórica, revelando a complexidade dos sistemas de conhecimentos para que se possa ultrapassar as generalizações (re)elaboradas a respeito do suposto caráter inferior africano. O trabalho, através de levantamento bibliográfico, tem como intuito ampliar o conhecimento sobre o impacto dos saberes africanos para o sucesso econômico dos ciclos produtivos coloniais, da dispersão das espécies vegetais africanas no território brasileiro e para a construção dos conhecimentos etnobotânicos afro-brasileiros, os quais ainda estão presentes no imaginário social e na memória das identidades que compõem os grupos presentes no território brasileiro. E também discutir o impacto das influências africanas de origens yorubanas exercidas na construção das identidades negras afro-brasileiras, fornecendo assim outras perspectivas epistemológicas centradas nas humanidades africanas.

Palavras-chaves: Gastronomia; Etnobotânica; Diáspora africana; Atlântico Negro; Identidade.

ABSTRACT

Different ethnicities with their respective particularities update each other, build and constitute their distinct identities. The little recognition of African contributions and their ethnobotanical knowledge demonstrates the need to provide another historical perspective, revealing the complexity of knowledge systems so that one can overcome (re)elaborated generalizations about the supposedly inferior African character. The work, through a bibliographic survey, aims to expand knowledge about the impact of African knowledge on the economic success of colonial productive cycles, the dispersion of African plant species in Brazilian territory and for the construction of Afro-Brazilian ethnobotanical knowledge, the which are still present in the social imaginary and in the memory of the identities that make up the groups present in the Brazilian territory. And also discuss the impact of African influences of Yoruba origins exercised in the construction of black Afro-Brazilian identities, thus providing other epistemological perspectives centered on African humanities.

Keywords: Gastronomy; Ethnobotany; African Diaspora; Black Atlantic; Identity.

RESUMEN

Las diferentes etnias con sus particularidades actualizan, construyen y constituyen sus identidades distintas. El poco reconocimiento de las contribuciones africanas y su conocimiento etnobotánico demuestra la necesidad de brindar otra perspectiva histórica, revelando la complejidad de los sistemas de conocimiento para que podamos superar las generalizaciones (re)elaboradas sobre el supuesto carácter inferior africano. El trabajo, a través de un levantamiento bibliográfico, tiene como objetivo ampliar el conocimiento sobre el impacto del conocimiento africano en el éxito económico de los ciclos productivos coloniales, la dispersión de especies vegetales africanas en territorio brasileño y la construcción del conocimiento etnobotánico afrobrasileño, que aún son presente en el imaginario social y en la memoria de las

identidades que componen los grupos presentes en el territorio brasileño. Y también discutir el impacto de las influencias africanas de origen Yoruba ejercidas en la construcción de identidades negras afrobrasileñas, proporcionando así otras perspectivas epistemológicas centradas en las humanidades africanas.

Palabras claves: Gastronomía; Etnobotánica; diáspora africana; Atlántico Negro; Identidad.

INTRODUÇÃO

A cultura como demarcadora de diferenças, apresenta em sua base suas experiências, formas e normas culturais, fronteiras marcadas por traços étnicos, onde se há o repertório de conhecimentos tradicionais. Neste sentido, diferentes etnias possuem seus elementos, sistemas de pensamento, respectivas especificidades culturais, sociopolíticas e particularidades (história, língua, vestimenta, culinária, religião, simbologias, etc.) que se atualizam, constroem e constituem suas distintas identidades. Fredrik Barth (1998), ao conceber as etnicidades como categorias sociais que se mantêm através da negociação de fronteiras, nos mostra que estas não podem ser observadas enquanto grupos isolados por culturas fixas. Assim, para além do entendimento de tradições culturais autenticadas e impermeáveis em um espaço-tempo, estas se assumem como novas condições de fronteiras à medida que os elementos culturais se reconstroem em momentos de transformação histórica e de novas condições.

O conhecimento etnobotânico das comunidades migrantes tem sido a essência de uma série de estudos nos últimos anos com a finalidade de entender como esse conhecimento sobre plantas muda ao longo do tempo. Estas mudanças geralmente ocorrem em resposta a vários fatores socioculturais e/ou ambientais, que afetam o *continuum* entre a adaptação (mudar, substituir ou eliminar usos de plantas de acordo com o novo ambiente/cultura) e o isolamento (retendo os usos originários da planta) (Pieroni; Quave, 2005; Pieroni *et al.*, 2005, 2011, Pieroni; Vandebroek, 2007, Ceuterik *et al.*, 2008, 2011, De Medeiros *et al.*, 2012).

Assim, apesar da pluralidade étnica e suas fronteiras estabelecidas em todo o continente africano, as complexas sociedades africanas foram desarticuladas, perderam sua independência e autonomia, onde seus habitantes foram sequestrados de seu ambiente natural e cultural de origem, atravessando o atlântico e em direção ao continente americano para o trabalho forçado durante quatro séculos de escravização (Moore, 2010; Moura, 1993).

A diáspora negra para as Américas, enquanto conceito que traz em si a ideia de deslocamento, reterritorialização da população negra, reconfigurações e reinvenção de suas culturas (Hall, 1998), foi condição imposta para mais de 4 milhões de negros africanos (Moura, 1993) pertencentes a mais de 200 etnias que vieram para o Brasil, levando ao fluxo de múltiplas etnias, suas histórias, memórias, saberes e conhecimentos para os mais diversos locais do território brasileiro.

Nas condicionantes raciais, sociais, culturais, econômicas que permearam o sistema escravista brasileiro (séculos XVI-XIX), o pensamento ocidental moderno impôs para os negros africanos a condição de seres sem subjetividades, histórias, racionalidades, particularidades, ciências e, portanto, passíveis de serem escravizados. Nesta condição, certas clivagens, incorporações e (re)construções identitárias foram processos necessários que ocorreram em

resposta ao processo de colonização europeia e genocídio negro ocorrido em território brasileiro.

Desta forma, na diáspora negro africana, as diversas sociedades africanas reformularam suas fronteiras, dialogando com outros grupos étnicos, forjando novas relações sociais e arranjos familiares, originando manifestações outras de matrizes africanas (Hall, 1998), bem como o reassentamento e a reprodução de suas cosmologias, ciências e saberes, para que fosse possível a manutenção da autenticidade e a existência do ser sujeitos africanos e de suas identidades, resultando assim em distintas “Culturas do Atlântico Negro”(Gilroy, 2001, p.13).

Ora persistência e reorganização, ora reinvenção e construção (Reis; Silva, 1989, Reis; Gomes, 1996, Oliveira, 2012), tais fluxos só foram possíveis a partir da presença de uma memória coletiva mesmo que nas condições mais adversas que a escravização impôs.

O pouco reconhecimento das contribuições africanas no que tange a complexidade dos sistemas de conhecimentos alimentares, agroecológicos e botânicos re-territorializados de maneiras distintas no Brasil demonstra a necessidade de romper com as histórias mal contadas para que seja possível ultrapassar as generalizações elaboradas e re-elaboradas a respeito do suposto caráter inferior africano.

Neste sentido, este trabalho tem como objetivo ampliar o conhecimento sobre as contribuições das sociedades africanas de origem nagô/Yorubá para a construção dos conhecimentos etnobotânicos afro-brasileiros, os quais ainda estão presentes no imaginário social e na memória das identidades que compõem os mais distintos grupos presentes no território. E também discutir o impacto destas influências exercidas na construção das identidades negras afro-brasileiras e fornecer outras perspectivas epistemológicas centradas nas humanidades africanas.

MÉTODOS

Para o objetivo proposto foi realizado um levantamento bibliográfico junto a estudos desenvolvidos no âmbito da etnobotânica, antropologia das culturas afro-brasileiras, diáspora negro-africana e religiões de matriz africana.

Os critérios de inclusão foram obras consideradas referências para a história da África, diáspora negro-africana, epistemicídio, religiões de matriz africana e etnobotânica nagô. Neste sentido, foram incluídos os trabalhos de Alberto Costa e Silva (2011), Nei Lopes (2011), Muniz Sodré (2017), Helena Theodoro (2014), Sueli Carneiro (2005), Arthur Ramos (1942), Manuel Querino (1957), Vilson Caetano de Souza Júnior (2019), Maria Thereza Lemos de Arruda Camargo (1998) e José Flávio Pessoa de Barros (1993, 2003, 2011).

Foram excluídos os artigos de revisão e monografias, porém as dissertações foram incluídas. O levantamento foi realizado utilizando as bases de dados do Google Acadêmico e Scielo. As palavras-chave pesquisadas foram: etnobotânica AND candomblé; etnobotânica AND diáspora africana; plantas AND diáspora africana; etnobotânica transatlântica, bem como seus correspondentes em inglês: *ethnobotany* AND candomblé; *ethnobotany* AND *african diaspora*; *plants* AND *african diaspora*; *ethnobotany transatlantic*.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Plantar, regar, colher: cosmopercepção negro-africana sobre a terra

Nei Lopes (2011), em seu livro “Enciclopédia brasileira da diáspora africana”, descreve os desenvolvimentos tecnológicos históricos nas regiões do continente africano, revelando o surgimento da agricultura e da pecuária na África subsaariana, datadas em 5000 a 2000 a.C. Em relação à prática agrícola, a tese se contrapõe à hipótese levantada pelo africanista Alberto Costa e Silva (2011), o qual sugere que o cultivo na região do Egito ocorreu devido às influências agrícolas já propagadas no Oriente Médio. Nesse sentido, o autor destaca a possibilidade da origem independente e autônoma da agricultura em diferentes pontos do continente africano, onde as sociedades africanas domesticaram plantas nativas africanas de acordo com suas necessidades alimentares e assim, desenvolveram novas técnicas agrícolas tal como a coivara e o plantio.

O surgimento da agricultura na África subsaariana, na África Ocidental Tropical (Carney, 2001) e em regiões semi-áridas do deserto do Saara, contribuiu para a formação dos repertórios de conhecimento das sociedades africanas sobre a sua flora nativa africana, criados de acordo com os tipos de interação entre os grupos étnicos e as espécies vegetais. Das savanas da África Ocidental, destaca-se o quiabo (*Abelmoschus esculentus* L. Moench), a melancia (*Citrullus lanatus* (Thunb.) Matsum & Nakai), a cabaça (*Lagenaria siceraria* (Molina) Standl.), o arroz africano (*Oryza glaberrima* Steud) e o carité (*Vitellaria paradoxa* C. F. Gaertn); do centro-oeste africano, o feijão-fradinho (*Vigna unguiculata* (L.) Walp.), inhame (*Dioscorea* spp.), feijão-guandu (*Cajanus cajan* (L.) Millsp), dendezeiro (*Elaeis guineensis* Jacq.), tamarindo (*Tamarindus indica* L.) e provavelmente uma das espécies de algodão (*Gossypium* spp.); do leste africano, o café (*Coffea arabica* L.) e a mamona (*Ricinus communis* L.), espécies vegetais assentadas no Brasil e utilizadas até os dias de hoje (Quadro 1).

Sobre os mitos acerca da origem das plantas cultivadas, Massimo Montanari (2008) em sua obra “A comida como Cultura” (2008) aponta a mudança que ocorreu nas sociedades humanas a partir da invenção da agricultura. Para o autor, a transformação de grupos humanos autóctones que tinham como principal função a caça e coleta em comunidades agrícolas sedentárias teve como principal fator a seleção de plantas silvestres existentes em seu território. Além de serem consideradas comestíveis em seus respectivos grupos, estas seriam vantajosas à dieta tradicional, nutritivas e com representação real e simbólica construída, ocorrendo assim o processo de domesticação e cultivo destas espécies vegetais - como os grãos de sorgo no continente africano e o milho nas américas - e a modificação da paisagem natural em áreas cultivadas.

Ainda sobre a diversidade vegetal do continente africano, a botânica nigeriana Margaret Sowunmi (1985), cujo minucioso trabalho analisa as evidências palinológicas, botânicas e paleoecológicas da origem de domesticação de plantas no continente africano, levanta as hipóteses sobre a ocorrência de espécies vegetais domesticadas na África Ocidental como recurso alimentício, destacando o uso do dendê (*Elaeis guineensis* Jacq.) e o inhame (*Dioscorea* spp.) em culturas agrícolas, plantas de uso ainda tradicional em diversos países do continente africano e que também apresentam papel importante no Brasil. A autora levanta que, pelo menos até 2.800 anos atrás, o dendê era uma das espécies que compunham a vegetação da Nigéria. Após esta data, no entanto, houve o aumento da abundância da espécie ao mesmo tempo em que há a diminuição de outros componentes vegetais nos ambientes de floresta tropical, fato evidenciado pelos estudos polínicos desta e de outras espécies. Esta

Quadro 1- Plantas africanas trazidas para o Brasil na diáspora negro-africana, Brasil, 2025.

Nome vulgar	Família botânica	Nome científico	Origem
Dendzeiro	Arecaceae	<i>Elaeis guineensis</i> Jacq.	Centro-oeste africano
Melancia	Cucurbitaceae	<i>Citrullus lanatus</i> (Thunb.) Matsum & Nakai)	África Ocidental
Cabaça	Cucurbitaceae	<i>Lagenaria siceraria</i> (Molina) Standl.	África Ocidental
Inhame	Dioscoreaceae	<i>Dioscorea</i> spp.	Centro-oeste africano
Mamona	Euphorbiaceae	<i>Ricinus communis</i> L.	Leste africao
Feijão guandu	Fabaceae	<i>Cajanus cajan</i> (L.) Millsp	Centro-oeste africano
Tamarindo	Fabaceae	<i>Tamarindus indica</i> L.	Centro-oeste africano
Feijão fradinho	Fabaceae	<i>Vigna unguiculata</i> (L.) Walp.	Centro-oeste africano
Quiabo	Malvaceae	<i>Abelmoschus esculentus</i> (L.) Moench	África Ocidental
Algodão	Malvaceae	<i>Gossypium</i> spp.	Centro-oeste africano
Arroz africano	Poaceae	<i>Oryza glaberrima</i> Steud.	África Ocidental
Café	Rubiaceae	<i>Coffee arabica</i> L.	Leste africano
Carité	Sapotaceae	<i>Vitellaria paradoxa</i> C.F.Gaertn	África Ocidental

Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

expansão do dendê foi facilitada pelo aumento de atividades agrícolas, as quais utilizavam técnicas envolvendo a limpeza e abertura de áreas florestais para o plantio, indicando assim a ação humana nesses ambientes e não a combinação de fatores de ordem natural (Sowunmi, 1985). Nesse sentido, a relevância do dendê é aprofundada por estudos que exploram suas complexas dimensões sociais e econômicas em contextos africanos, como a floresta do Mayombe (Vieira, 2021), e essa trajetória histórica e cultural da planta também motiva reflexões sobre as relações ambientais e a manutenção dos saberes por diferentes grupos, a exemplo do que é discutido no estudo comparado das relações de mulheres da floresta entre Brasil e Angola (Cruz, 2012).

As enunciações feitas por Montanari (2008), Costa e Silva (2011) e Sowunmi (1985), portanto, permitem entender que a natureza foi modificada, observada e classificada pelas sociedades africanas a partir de seus conhecimentos acerca do mundo vegetal, do tipo de solo e clima das respectivas áreas ecológicas do continente africano em que ocupavam. Além disso, foram orientadas por suas preferências coletivas, bem como suas formas de experimentar, viver e de se relacionar com os recursos naturais. Se observa, neste sentido, como a natureza por si só já apresenta significado cultural, sendo considerada signo significante. Os vegetais interessantes e importantes para a perpetuação das próprias comunidades, de suas subjetividades, cosmo-percepções, tradições e alteridades, foram selecionados o que garantiu

a perpetuação de suas atividades assim como a variedade de culturas agrícolas africanas ao longo do tempo e para além de África.

Caminhos pelo Atlântico: sujeitos, apropriações e plantas

A herança etnobotânica africana – que abrange sistemas de classificação, conhecimentos da flora e técnicas agrícolas de cultivo – foi transplantada durante o processo de escravização não como um resultado aleatório, mas como um fator principal para a colonização. Carney e Acevedo (2017) ressaltam a intenção premeditada dos colonizadores em se apropriar desses complexos conhecimentos africanos. Essa apropriação foi fundamental para o sucesso econômico do sistema escravocrata e do processo de colonização no Brasil.

Ela se deu a partir das aproximações diretas entre a distribuição das etnias africanas no território brasileiro e os ciclos econômicos da cana-de-açúcar (séc. XVI a XVIII), mineração de ouro (séc. XVIII), algodão (séc. XVI a séc. XVIII) e café (séc. XVIII a séc. XIX). Com exceção da mineração, todos esses ciclos contaram com o conhecimento da etnobotânica africana (Gomes, 2009).

A respeito da cana-de-açúcar (*Saccharum officinarum* L.), Murdock (1959) cita a espécie como sendo um dos vegetais asiáticos introduzidos no continente africano pela África Oriental a partir do Sudoeste Asiático. Ainda sobre a cana-de-açúcar, Power e contribuidores (2019) afirmam que a espécie foi introduzida em tempos pré-históricos na África. Sobre os outros vegetais mencionados, o café (*Coffea arabica* L.) é uma espécie nativa da Etiópia a qual foi transportada para o Brasil.

O sucesso do cultivo do arroz no Brasil (Carney, 2001), utilizado como um lucrativo produto agrícola por volta de 1750, exemplifica essa apropriação. Para isso, populações africanas foram transportadas diretamente de Guiné Bissau – uma região do oeste africano com produção de arroz em larga escala e de forma tradicional ancestral – para os estados brasileiros do Pará, Amapá e Maranhão. O intuito era utilizar todo o sistema de conhecimento desses indivíduos sobre o grão africano (*Oryza glaberrima* Steud.). Esse saber abrangia o domínio do regime pluviométrico adequado para o plantio, além das técnicas de manuseio, beneficiamento e processamento do cereal com o pilão. O objetivo final era produzir o arroz asiático (*Oryza sativa* L.), uma espécie que fornecia uma safra superior para ser exportada e comercializada na Europa. Carney (2001) afirma que povos como os ingleses, os franceses, os huguenotes e os portugueses não realizavam essa atividade antes de sua chegada às Américas, no período colonial. Isso demonstra a profunda dependência dos colonizadores tanto em relação à presença da população africana nas colônias quanto a todo o seu conhecimento sobre a cultura do arroz.

Henrique Cunha Júnior (2010) confirma que as culturas tropicais não eram conhecidas na Europa antes do século XIV, sendo, no entanto, largamente realizadas em diversas regiões africanas. Além disso, todo o arcabouço técnico agrícola ligado ao plantio de café e cana-de-açúcar, desde a escolha do solo até o processamento dos produtos, foi importado da África por meio dos escravizados. De acordo com Carney (2001), muitas plantas africanas foram introduzidas nas regiões tropicais do Velho Mundo, contudo, a marginalização dos escravizados e de sua cultura fez com que muitas dessas espécies vegetais fossem erroneamente consideradas como originárias do Oriente. Assim, ainda que houvesse critérios de seleção no tráfico da mão de obra, que representou o fluxo de conhecimentos, saberes e tecnologias de diferentes povos africanos culturalmente localizados, principalmente na África

Ocidental, este processo também implicou a migração de recursos botânicos essenciais para fins medicinais, alimentícios, ritualísticos, dentre outros.

Cabe observar que a produção do discurso dominante ocidental pautado nas crenças de inferioridade, falta de racionalidade e civilidade das populações negras africanas difundidos e consequentemente naturalizados no período colonial e pós-colonial brasileiro, cumpriram a sua função à medida que cristalizaram este tipo de imaginário social. Isto favoreceu o modelo eurocêntrico de humanidade universal. A invisibilidade da história Africana e ao epistemicídio, expresso sistematicamente na oclusão da sua flora e dos seus conhecimentos para o desenvolvimento econômico colonial - através da migração de plantas originárias do continente, assim como pela (re)existência destes saberes na diáspora.

A historicamente construída inferiorização intelectual negra se aproxima do pensamento de Carneiro (2005) à respeito do conceito de epistemicídio, o qual é considerado para a população negra um instrumento “para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados” (Carneiro, 2005, pg. 97), mas sim um mecanismo histórico de controle que opera na negação a racionalidade e a capacidade de produção de conhecimento de grupos considerados dominados, desqualificação de seus membros enquanto sujeitos produtores de saberes e oclusão das verdadeiras contribuições negras. Assim, pode-se afirmar que o movimento migratório forçado de pessoas negras africanas para o Brasil não se deu apenas pela necessidade de mão de obra escravizada, mas especializada para o trabalho forçado nas plantações.

Com respeito às plantas alimentícias, Carney (2001) menciona que a grande maioria dessas espécies foi transportada para o abastecimento da população negra escravizada, para garantir sua sobrevivência durante a travessia do Atlântico nos navios negreiros. É o caso do inhame africano, arroz africano, dendê e tamarindo. Voeks (2009) acrescenta o quiabo, melancia e feijão guandu como espécies africanas domesticadas que em sua maioria também serviram como alimento nos navios negreiros. O estabelecimento de plantas nativas africanas no território brasileiro só foi possível, neste sentido, a partir das próprias pessoas africanas enquanto escravizadas, as quais promoveram o intercâmbio de recursos vegetais entre si e, segundo Carney (2001), as convivências entre os africanos que estavam nos navios negreiros possibilitaram este universo de trocas. Mas ainda, os usos da flora africana persistiram através da constituição de espaços de sobrevivência, resistência e negociação: terreiros, ruas, roças e quilombos.

Plantas de curar, ritualizar e de comer

Lucchesi (2008) atesta que chegaram ao Brasil, com o tráfico negreiro, mais de 100 línguas africanas de origens múltiplas e diferentes grupos étnicos africanos, tais como os Yorubás, Bantos, Ewes e Fons. Para a etnolinguista Yeda de Castro (1983; 2012), o macro grupo étnico banto distribuído por todo território brasileiro desde o século XVI, teve grande influência nos falares brasileiros. De línguas como o Quimbundo e Quicongo e proveniente de regiões da atual Angola, o banto influenciou o português diretamente, sendo responsável por palavras como angu, andu e o dendê, fruto proveniente da palmeira africana introduzida no Brasil no começo do século XVII. O Quimbundo, apresentou uso mais extenso e mais antigo, exercendo maiores influências diretas no português maior do que o Yorubá (Castro, 2012), o qual tudo indica, gerou impactos significativos na alimentação afro-brasileira.

A denominação Yorubá refere-se aos grupos étnicos provenientes da África Ocidental concentrados nas áreas atuais da Nigéria e Benin (Antigo Daomé), os quais ficaram conhecidos no Brasil como nagô (Santos e Santos, 1993) e, que de acordo com Arthur Ramos (1942), foram os últimos a serem introduzidos de forma massiva no Nordeste brasileiro - e intensamente no litoral da Bahia - durante o processo de escravização entre os fins do século XVIII e início do século XIX.

As influências Yorubá são marcadamente presentes nos espaços religiosos conhecidos como terreiros de candomblé. Religião afro-brasileira de matriz africana originada a partir do reino lorubano de Ketu e assentada no Brasil no fim do século XVIII e início do século XIX (Sodré, 2017), no candomblé o culto a Natureza é referenciada através das manifestações das divindades africanas chamadas de Orixás (Theodoro, 2014) e de suas qualidades por meio dos fenômenos naturais e os elementos - Terra, Água, Fogo e Ar - tendo as plantas como organismos primordiais nas diferentes atividades religiosas (Barros, 1993). Enquanto portadoras de Axé - energia vital - de simbologias e virtudes, as espécies vegetais são utilizadas para objetivos mítico-mágico-terapêutico pelo povo de santo, onde o sagrado, a culinária de terreiro e a medicina tradicional se interconectam em prol do bem viver para os corpos-natureza de sua comunidade religiosa e adeptos, formando assim um complexo sistema de organização onde não há diferenciação dos elementos místicos/litúrgicos daqueles físicos e biológicos (Gomes, 2009).

Plantas sagradas de defumar, banhar, comer, beber e oferecer aos Orixás, as espécies vegetais são associadas aos quatro elementos da natureza, podendo ser classificadas como *ewé àfèrè* (folhas de ar/vento), *ewé inón* (folhas de fogo), *ewé omi* (folhas de água) e *ewé ilé* (ou *ewé igbó*: folhas da terra ou da floresta). Podem, ainda, ser classificadas quanto ao modo de vida, sendo uma planta de grande porte (*igi*), arbustiva (*kekerê*) ou trepadeiras (*àfomó*). Podem ser consideradas masculinas (geralmente com formato fálico e coloração escura) e/ou femininas (formato uterino, de coração, com odor mais adocicado), excitantes (*gùn*) ou calmantes (*èrò*) (Barros, 2011; Barros & Napoleão, 2003; Gomes, 2009).

Como exemplo, ressaltamos vegetais como o saião (*Kalanchoe brasiliensis* Cambess.), língua-de-vaca (*Talinum triangulare* (Jacq.) Willd.), bredo-de-santo-antônio (*Amaranthus sp.*), caapeba (*Piper umbellatum* L.) e taioba (*Xanthosoma taioba* E.G.Gonç.), espécies nativas brasileiras inseridas no complexo sistema de conhecimento etnobotânico de origem africana, as quais inter cruzam utilizações medicinais, ritualísticas e litúrgicas na religião afro-brasileira (Barros, 2011; Barros & Napoleão, 2003; Santos, 2014) (Quadro 2). Ainda, os usos comestíveis da língua-de-vaca, bredo-de-santo-antônio, caapeba e taioba, as quais são consideradas ingredientes das comidas de Santo e oferecidas aos Orixás, seguindo os fundamentos, preceitos especiais, tabus e as preferências alimentares de cada Divindade (Querino, 1957; Souza Júnior, 2019).

Enquanto o sistema de classificação ocidental privilegia a identificação, descrição e classificação do mundo vegetal a partir da sua fragmentação, separação e divisão em táxons (reino, família, gênero, espécie) através da observação da Natureza e de caracteres morfológicos (ex: cor e formato) por um olhar cartesiano, as organizações africanas do mundo vegetal transcende a concepção ocidental, uma vez que é construída a partir de sua própria *cosmopercepção*. Ou seja, através das maneiras africanas de conceber o mundo (Oyèwùmí, 2021), onde se privilegia os outros sentidos humanos e sensações para além da visão, as texturas, sabores, perfumes, relações entre as espécies vegetais e as Divindades cultuadas e as suas significações culturais dentro da tradição (Quadro 2).

Quadro 2. Plantas africanizadas, Brasil, 2025.

Nome popular	Nome em yorubá	Família botânica	Nome científico
Bredo-de-santo-antônio	<i>Ewé tètè</i>	Amaranthaceae	<i>Amaranthus viridis</i>
Taioba	<i>Ewé Kókò</i>	Araceae	<i>Xanthosoma taioba</i> E.G.Gonç.
Caapeba	<i>Ewé Iyá</i> (Folha da mãe)	Piperaceae	<i>Piper umbellatum</i> L.
Língua-de-vaca	<i>Ewé Gbúre</i>	Talinaceae	<i>Talinum triangulare</i> (Jacq.) Willd.
Alfavaquinha-de-cobra	<i>Rínrín</i> (Molhada, Molhada)	Piperaceae	<i>Peperomia pellucida</i> (L.) Kunth
Batata doce	<i>Ewé kúkúndùkú</i> (folha doce até morrer)	Convolvulaceae	<i>Ipomoea batatas</i> (L.) Lam.
Abebé de oxum	<i>Abèbè Òsún</i> (o leque de Òsún)	Araliaceae	<i>Hydrocotyle bonariensis</i> Lam.
Salsa da praia	<i>Gbòròayabá</i> (aceita a palavra da Mãe)	Convolvulaceae	<i>Ipomoea pes-caprae</i> (L.) R.Br.
Saião	<i>Òdundún</i>	Crassulaceae	<i>Kalanchoe brasiliensis</i> Cam.

Fonte: Dados da Pesquisa, baseados em Lühning, 1999; Barros & Napoleão, 2003; Santos, 2014. (2025)

Para o pai de santo Adailton Moreira Costa:

“Muitas vezes utiliza-se como referencial filosófico para interpretação da visão de mundo afro-brasileira, a nossa visão cartesiana do mundo e do sujeito, compartimentando-o e dificultando as suas representações sobre este universo de significação afro-brasileira, onde se prima por esta interação e troca, entre o homem e o seu meio”. (Costa, 2009, p. 337)

A presença de espécies nativas no sistema etnobotânico nagô e a utilização destes vegetais de maneira tradicional pelo povo de santo nos oferece caminhos possíveis para se pensar nas adaptações realizadas pela população africana neste lado do Atlântico e a presença de uma memória botânica ancestral.

Durante o processo de colonização e formação do Atlântico Negro, os africanos desconheciam a natureza brasileira, sobretudo as espécies vegetais nativas. Como estratégia de adequação ao novo, perpetuação da identidade coletiva, preservação de seu sistema de crenças e tradições, e sobrevivência de suas humanidades, o mundo vegetal tropical foi sendo observado, catalogado, classificado e ainda, incorporado.

Espécies africanas foram, assim, sendo substituídas pelos vegetais brasileiros aqui encontrados (Barros, 1993; Medeiros *et al.*, 2012) e o sistema de classificação vegetal nagô

preexistente foi ganhando novas tessituras, sentidos negros e símbolos. Esse fato é também corroborado por Almeida (2011) que afirma que foi um processo de mão dupla na história brasileira, onde os negros transplantaram um sistema de classificação botânica da África e introduziram plantas nativas brasileiras em sua cultura, por seus resultados medicinais simbólicos.

Já Camargo (2006), ao discorrer sobre a adaptação africana às novas espécies vegetais do Novo Mundo, comenta que a população africana em diáspora se ajustou à nova realidade em solo brasileiro à medida que adicionou as novas plantas litúrgicas ao acervo ancestral de conhecimento, associando assim as espécies vegetais locais com as do continente africano.

Dessa forma, desenvolveu-se uma cosmopercepção das semelhanças entre os vegetais africanos e brasileiros, por meio de analogias envolvendo forma, tamanho, aroma e habitat das espécies. A essas espécies foram atribuídos significados culturais específicos, incluindo narrativas simbólicas, usos litúrgicos, medicinais e alimentares, caracterizando o processo de africanização. Nesse contexto, observa-se, simultaneamente, a preservação de um sistema etnobotânico de conhecimento que atravessou o tempo e o espaço da diáspora africana, e a incorporação de novos elementos e práticas, resultando na atualização e africanização dos vegetais brasileiros.

Estas plantas da negritude são, portanto, vegetais constituídos de africanidades, uma vez que apresentam um regime de significados, valores e símbolos assentados em origens africanas que se perpetuaram aqui na diáspora. Abarcam as narrativas negras a respeito do mundo vegetal, seus usos e manipulações, sendo assim veiculadas a uma cultura vegetal própria mantida pelas religiões afro-brasileiras de matriz africana (Conceição, 2008) e expressas em uma identidade negra culturalmente diferenciada (Munanga, 2009).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar das narrativas históricas epistemicidas que distanciaram a realidade em África e inviabilizaram a existência de qualquer produção intelectual africana, os povos de origens africanas no contexto colonial souberam forjar estratégias a fim de transformar as circunstâncias que foram impostas a eles. Tal sobrevivência ocorreu através da emergência de territórios identitários de resistência negra e de pertencimento como os terreiros de candomblé. As populações africanas e seus descendentes, portanto, (re)territorializaram, ampliaram, atualizaram e transmitiram seus complexos sistemas de conhecimento para que fosse possível a permanência de seus saberes, cultura vegetal e identidade.

Tais exemplos de reestruturações, estratégias e negociações demonstram como as memórias negro-africanas são tão profundas que os saberes e habilidades diaspóricas foram e são colocadas em prática, a partir da reconstrução do sistema etnobotânico negro-africano. Ou seja, a partir dos conhecimentos que orientaram os processos de plantio, coleta e uso de plantas. A preservação dos nomes em Yorubá dos vegetais africanos e a africanização das plantas brasileiras por meio de atribuições africanas particulares demonstram a importância medicinal, espiritual, mítica e comestível do mundo vegetal para a população africana de origem Yorubá e afro-brasileira dentro dos terreiros de candomblé nagô. Assim, reafirmam o sistema etnobotânico enquanto herança africana na diáspora e parte de uma identidade negra coletiva. Portanto, a perpetuação desta memória ancestral coletiva é o elemento que conduz ao não esquecimento deste sistema etnobotânico negro-africano, que preserva seus modos

próprios de classificar as espécies vegetais e que conecta as plantas afrodiáspóricas e africanizadas pelo Atlântico negro até sua narrativa de origem.

Trabalhos de etnobotânica histórica envolvendo migrações, como este, ainda são urgentemente necessários para documentar o Conhecimento Etnobotânico e para a preservação do patrimônio biocultural local. Fornecem *insights* cruciais para a compreensão do processo através do qual as crenças e práticas etnobotânicas mudam ao longo do tempo, e como diferentes fatores ambientais e sociais afetam a manutenção, reorganização ou perda do conhecimento etnobotânico.

Pesquisas desse gênero também são especialmente importantes posto que muitas minorias étnicas/culturais são ameaçadas por processos globais de urbanização, desaparecimento de seus estilos de vida rurais tradicionais e também pela marginalização cultural. Sendo assim, o reconhecimento dos *saberes-fazeres* etnobotânicos africanos é um enfrentamento às políticas de silenciamento, onde referenciar as plantas da negritude é confrontar a lógica de modelo único/universal de produção de conhecimento.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. Z. **Plantas Medicinais**. Salvador: EDUFBA, 2011.

BARROS, J. F. P. **O Segredo das Folhas**: sistema de classificação de vegetais nos terreiros jêje-nagô da Brasil. Rio de Janeiro: Pallas, 1993.

BARROS, J. F. P. **A floresta sagrada de Ossaim**: o segredo das folhas. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

BARROS, J. F. P.; NAPOLEÃO, E. **Ewé Òrìsà**: uso litúrgico e terapêutico dos vegetais nas casas de candomblé Jêje-Nagô. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BARTH, F. Os grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: UNESP, 1998, p. 187-227, 1998.

CAMARGO, M. T. L. A. Os poderes das plantas sagradas numa abordagem Etnofarmacobotânica. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, n. 15-16, p. 395-410, dez. 2006.

CARNEIRO, A. S. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. (2005). Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CARNEY, J. Navegando contra a corrente: o papel dos escravos e da flora africana na botânica do período colonial. África. **Revista do Centro de Estudos Africanos**. São Paulo, n. 22-23. p. 25-47, dez. 2001.

CARNEY, J.; ACEVEDO, R. Plantas de la diáspora africana em la agricultura del Brasil. **Transversos: Revista de História**. Rio de Janeiro, n.10, p. 9-34, ago. 2017.

DE CASTRO, Y. P. Das línguas africanas ao português brasileiro. **Afro-Ásia**. Salvador, n.14, 1983. Disponível em: periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/20822. Acesso em: 1 set. 2023.

DE CASTRO, Y. P. Renato Mendonça e “A influência africana no português do Brasil”, um estudo pioneiro de africanas no português brasileiro. In: MENDONÇA, R. **A influência africana no português do Brasil**. Brasília: Editora FUNAG, 2012.

CEUTERICK, M; VANDEBROEK, I; TORRY, B.; PIERONI, A. Cross-Cultural Adaptation in Urban Ethnobotany. The Colombian Folk Pharmacopoeia in London. **Journal of Ethnopharmacology**. n. 120, p. 342–359, dez. 2008.

CONCEIÇÃO, S. S. **O processo de urbanização como imperativo da reestruturação espacial e litúrgica das religiões de matriz africana**. (2008). Dissertação (Mestrado em Estudos Étnicos e Africanos) -Programa de Pós-Graduação Multidisciplinar em Estudos Étnicos e Africanos, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

COSTA, A. M. Candomblé e saúde. In: MANDARINO, A. C. S. ; GOMBERG, E. (Org.). **Leituras Afro-Brasileiras: territórios, religiosidades e saúdes**. Salvador: EDUFBA-UFS, 2009.

COSTA E SILVA, A. **A enxada e a lança: a África antes dos portugueses**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2011.

CRUZ, T. A. **Um Estudo comparado das relações ambientais de mulheres da floresta do Vale do Guaporé (Brasil) e do Mayombe (Angola): 1980 - 2010**. (2012) Tese (Doutorado em História)- Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2012.

GILROY, P. **O Atlântico Negro**. Modernidade e dupla consciência. Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, 2001.

GOMES, A. M. S. **Rotas e diálogos de saberes da etnobotânica transatlântica negro africana: terreiros, quilombos, quintais da Grande BH**. (2009). Tese (Doutorado em Geografia)- Programa de Pós graduação em Geografia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

HALL S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

LOPES, N. **Enciclopédia brasileira da diáspora africana**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

LUCCHESI, D. Africanos, crioulos e a língua portuguesa. In: LIMA, I. S.; CARMO, L. (Org.). **História social da língua nacional**. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2008.

LÜHNING, A. Ewé: as plantas e seus parentes africanos. In: CARDOSO, C.; BACELAR, J. (Orgs.). **Faces da tradição afro-brasileira: religiosidade, sincretismo, anti-sincretismo, reafricanização, práticas terapêuticas, etnobotânica e comida**. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 1999.

MONTANARI, M. **A comida como cultura**. São Paulo: Editora SENAC, 2008.

MOORE, C. **Racismo e sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

MOURA, C. **Quilombos: Resistência ao escravismo**. São Paulo: Editora Ática, 1993.

- MUNANGA, K. **Negritude**: usos e sentidos. Belo Horizonte: Grupo Autêntica, 2009.
- MURDOCK, P. **Africa**: Its people and their culture history. New York: McGraw Hill, 1959.
- PIERONI, A.; QUAVE, C. L. Traditional Pharmacopoeias and medicines among Albanians and Italians in Southern Italy: A Comparison. **Journal of Ethnopharmacology**. n. 101, p. 258–270, dez. 2005.
- PIERONI, A.; VANDEBROEK, I. **Traveling Plants**: The Ethnobiology and Ethnopharmacy of Human Migrations. New York: Berghahn, Oxford, 2007.
- PIERONI, A.; QUAVE, C.; GIUSTI, M. E. Cross-Cultural Ethnobiology in the Western Balkans: Medical Ethnobotany and Ethnozooology among Albanians and Serbs in the Pešter Plateau, Sandžak, South-Western, Serbia. **Human Ecology**. n. 39, p. 333–349, 2011.
- OLIVEIRA, E. D. Filosofia da ancestralidade como filosofia africana: educação e cultura afro-brasileira. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**. n.18, p. 28–47, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.26512/resafe.voi18.4456>. Acesso em: 07 mai. 2013.
- OYĒWŪMÍ, O. **A invenção das mulheres**: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Rio de Janeiro: Editora Bazar no Tempo, 2021.
- POWER, R. C.; GÜLDEMANN, T.; CROWTHER, A.; BOIVIN, N. Asian Crop Dispersal in Africa and Late Holocene Human Adaptation to Tropical Environments. **Journal of World Prehistory**, v. 32, p.353–392, 2019.
- RAMOS, A. **A aculturação negra no Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942. 376 p.
- REIS, J. J.; GOMES, F. S. **Liberdade por um fio**: história dos quilombos no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- REIS, J. J.; SILVA, E. **Negociação e conflito**: a resistência negra no Brasil escravista. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- SANTOS, D. M. ; SANTOS, J. E. A cultura nagô no Brasil: Memória e continuidade. **Revista USP**. n. 18, p. 40–51, 1993.
- SILVA, B. R. V. M. O Islã na África do Norte e Ocidental: recepção e reinvenção (séc. VII-XIV). **Cadernos de História**. n. 9, p. 16–38, 2012.
- SODRÉ, M. **Pensar nagô**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2017.
- SOUZA JÚNIOR, V. C. S. Muitas oferendas para os santos. In: JÚNIOR, V. C. S.; RIBEIRO, C. M. A. (Org.). **Comida de Santo Que se Come**. São Paulo: Arole Cultural, 2019.
- SOWUNMI, M. A. The beginnings of agriculture in West Africa: botanical evidence. **Current Anthropology**. n. 26, p. 127–129, 1985.
- THEODORO, H. **Religiões afro-brasileiras**. São Paulo: Selo Negro, 2014.
- VÉRIN, P. Madagascar. In: MOKHTAR, G. (Org.). **História geral da África, II**: África antiga. Brasília: UNESCO, 2010.
- VIEIRA, R. C. R. **Óleo de palma, pessoas e casas na floresta do Mayombe**. (2021). Tese (Doutorado em Antropologia Social)- Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.